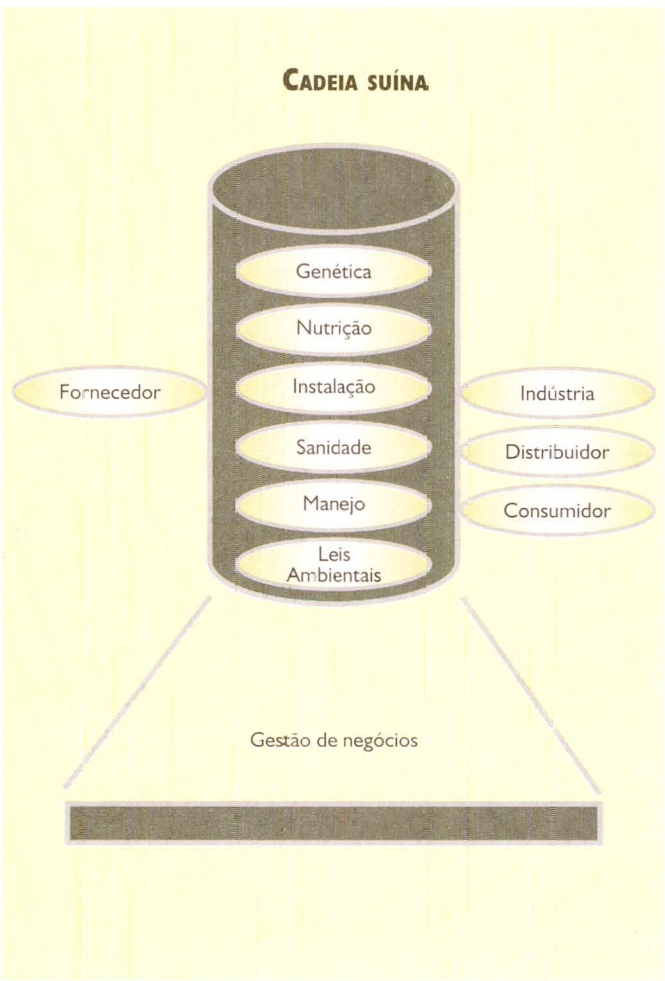
Ganhando 'status'

Uma cadeia produtiva que tem tudo para dar certo daqui para a frente, a suinocultura está em crescente organização

MARIO FACCIN

O sistema de produção é definido como um conjunto de fatores ou elementos inter-relacionados e organizados com o objetivo de produzir. O primeiro passo para organizar um bom sistema de produção é entender a cadeia produtiva – e aqui se trata da suinocultura – e sua organização, funcionamento, história e tendências.

A história da suinocultura industrial será aqui enfocada no período dos últimos 30 anos. As décadas de 70, 80 e 90, evidentemente marcadas de peculiaridades próprias, deram no entanto continuidade a um processo em constante evolução.



Os anos 70 e os 80

Os produtores dos 70, independentes em sua maior parte, caracterizaram-se por se estabelecer com unidades de pequeno porte. Tiveram início nesse período os sistemas de integração, com a introdução de novas técnicas, uso de material genético (ABCS) e uso de concentrados, além de se dar início a cruzamentos e se adotarem sistemas de produção semiconfinados em ciclos completos.

Ainda reduzidos, os relacionamentos de parceria ocorriam sem um vínculo legal.

O custeio era facilitado via integradora (prazo de lote). A indústria percebia já a importância de organizar constância e uniformidade de fornecimento. Mas a preocupação com o volume da produção convivia ainda com o desconhecimento da importância da qualidade.

A questão da sanidade carecia de fundamentação. Isso levou a que nesse período se tenham importado muitos problemas (respiratórios, virais etc.).

Nos anos 80 houve um reforço nos sistemas de integração no Sul (SC, RS e PR) e no restante do país iniciou-se a implantação de unidades maiores, incentivadas pelas empresas de genética que iniciavam sua operação no país. O material genético provinha de empresas de melhoramento, começando então o declínio do sistema de melhoramento organizado via ABCS.

Reforçou-se a área de nutrição, para atender os avanços da genética e a qualidade dos animais, que deviam fornecer mais carne. Passaram a ser adotados os núcleos em substituição aos concentrados.

Consolidaram-se os cruzamentos de raças como fator de produtividade. Os sistemas de produção se transformavam: começavam o confinamento total e a produção em dois segmentos: unidades produtoras de leitões – UPL – e unidades terminadoras de leitões – UTL.

Reestruturaram-se as parcerias e aumentou o volume contratado. A parceria via contratos se instrumentalizou e passou a haver transferência do capital de giro para o produtor.

Em Santa Catarina tiveram início os trabalhos de tipificação

de carcaça voltada para um animal de 100 kg.

Também nessa década se introduziu o Sistema de Produção UPLs/UTLs e começou a haver uma assistência técnica voltada para a produtividade com enfoque no número de leitões produzidos/fêmea/ano e na idade aos 100 kg.

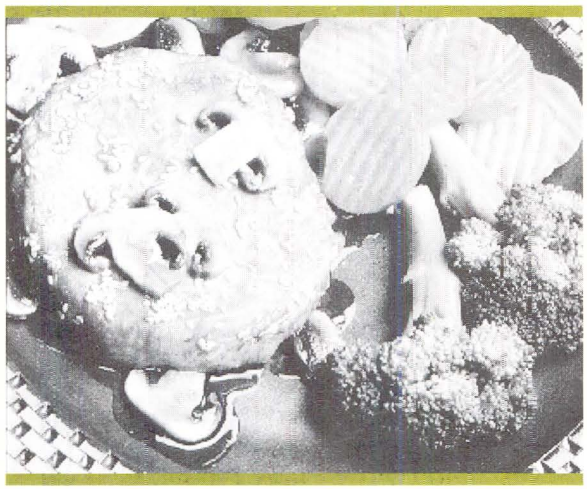
O resultado da atividade dependia de forte participação do jogo inflacionário. Mas ao lado desse fato, aperfeiçoava-se o processo de produção. Foi nesse período que começaram os trabalhos objetivando a eliminação de febre aftosa e peste suína clássica nos três estados do Sul.

Números da suinocultura brasileira

Item	1991	1994	1997	2000
Matrizes – un	3.150	3.300	3.137	3.150
Rebanho – cab	33.050	31.338	31.427	27.290
Leitões – cab	21.150	23.100	27.291	27.985
Abate – cab	13.370	15.862	20.865	24.533
Produção carne m – ton	1.150	1.300	1.540	1.836
Consumo per capita – kg	7,3	7,9	8,9	10,1

Fonte: Usda.





De olho no futuro

A dinâmica da mudança ainda prossegue com intenso vigor. Entre as macrotendências mais fortes e de caráter mais geral, podemos dizer que, se o número de matrizes tende à estabilidade ou mesmo à queda, existem ganhos substanciais no volume produzido: no período de 1991 a 2000, esse volume cresceu 183%.

As grandes empresas de abate continuarão a ter maior participação do mercado, mais pelos ganhos de escala do que pela tecnologia e força de suas marcas. Do volume total abatido hoje, ao redor de 50% são parcerias ou contratados, e no futuro esse número deverá chegar a 70%, 80% ou mais.

A cada dia, reduzem-se os produtores e crescem os volumes produzidos. Nos EUA, nos últimos 30 anos deixaram a atividade nada menos do que 771 mil produtores, restando hoje não mais de 100 mil. Doenças no entanto serão um grande desafio – PRRS, *influenza* etc. A biosseguridade será um instrumento importantíssimo da produção competitiva.

A suinocultura é uma *commodity* agrícola que hoje exporta 87,5 mil toneladas, ou 4,7% da produção, e deverá suplantar as 200 mil toneladas. O custo de produção, a qualidade e o volume terão cada vez mais importância para todos os projetos.

Mas o consumo de carne suína deverá ser incrementado. A produção deverá ser crescente, devido a aspectos técnicos e mudanças na estrutura da indústria, como integração, tamanho das granjas, aumento da produtividade e do peso de abate. As agroindústrias definirão grande parte dos aspectos de produção.

Parcerias e contratos, tipo de animal, genética e nutrição e organização da produção são itens cada vez mais valorizados.

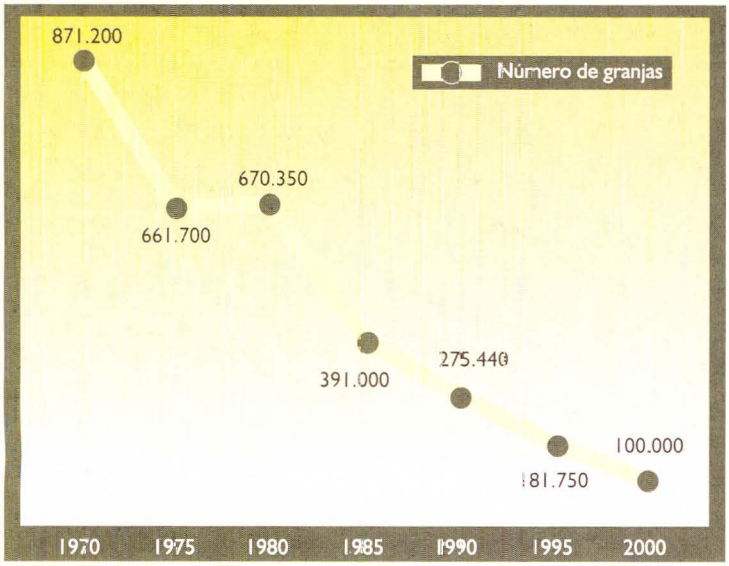
Supermercados organizados em grandes redes, por sua vez, pressionarão os preços para baixo, com conseqüente redução das margens de lucro/animal. Os bancos cada vez serão mais exigentes quanto a níveis de garantia, contratos de parceria, garantia de geração de caixa, assistência técnica. Tais fatores devem tornar cada vez mais importante o aparecimento de novos projetos desenvolvidos em parceria/contrato; a produção em harmonia com o meio ambiente e a produção direcionada como meios de otimizar o fator lucro no setor.

Outros fatores indispensáveis para tornar o retorno sobre o capital compatível com capacidade de pagamento: baixo custo de produção, produtividade alta, localização estratégica, gerenciamento de risco, sistema de produção.

O que vem por aí

Os grandes produtores continuarão crescendo, porém grupos familiares bem administrados ou agregados continuarão sendo competitivos. A produção deverá ser segregada por fases em diferentes sítios e proprietários.

Por seu lado, a legislação ambiental e os fatores econômicos serão obstáculos para expansão. Indústrias e supermercados definirão em grande parte o sistema de produção. Mas surgirão



Credibilidade junto a instituições financeiras dispostas a investir, porém com baixo risco, é fator indispensável. Na criação de um mercado com fundamentos de economia livre, é preciso consolidar mercados de exportação e compatibilizar os custos globalizados.

projetos visando reduzir custos de produção e facilitar mão-de-obra. Para os produtores, as menores margens que se esperam deverão ser compensadas.

As instituições financeiras, frigoríficos e produtores deverão passar a buscar mais proteção via produção contratada.

Deverá haver pressão no sentido de eliminar o uso rotineiro de antibióticos e promotores de crescimento na ração.

A necessidade urgente de estratégias de aumento de consumo e exportação precisa ser contemplada desde já.

Tendências da produção

Nas áreas de produção e de novas tecnologias, algumas tendências são visíveis.

Para a produção, granjas maiores, mais produtivas, com produção em dois, três ou múltiplos sítios. O investimento é calculado por quilograma produzido. O tamanho das baias depende do tamanho do grupo e o sistema de alimentação é automatizado. Climatização em determinadas áreas assim como cuidados especiais na biosseguridade são indispensáveis, e a sanidade se tornou tão ou mais importante que a genética.

Esquematização no alojamento e reposição de plantel, uso expressivo da inseminação artificial (80 a 100%) e incremento na qualidade da identificação do cio, com cobertura no terceiro cio com máximo de peso e boa reserva de gordura caminham paralelos à redução do número de inseminações/cio.

Semens de mais longa duração, sete a 10 dias, com redução do número de espermatozóides/dose têm sido adotados, assim como o desmame em 18 a 21 dias.

Quanto ao abate, para o consumo *in natura*, são escolhidos animais com peso de 100 a 110 kg; para o consumo industrializado, 120 a 130 kg.

A garantia de qualidade supõe um percentual de carne magra – mínimo 56, máximo 60% – e a qualidade da carne deve satisfazer a exigências como pH, coloração, marborização e contaminação.

A produtividade mínima exige 25 vendidos/fêmea/ano, de preferência em termos de quilogramas vendidos/fêmea/ano. O resultado é avalizado por unidade investida, não por quilograma produzido.

Novas tecnologias e desafios

A organização da produção em sistemas eficientes voltados para baixo custo e alta qualidade requer genes marcadores, prolificidade, animais livres do gene RN, animais resistentes a doenças *E.coli*, D. edema, *Salmonella* e outras.

Animais com carne marborizada são conseguidos por transferência de embriões, sexagem de sêmen e melhor entendimento das exigências nutricionais adaptadas às necessidades das fases e ao produto em questão.

Alguns itens importantes desafiam a cadeia da produção suína. O primeiro deles é o entendimento pleno das necessidades do consumidor. Outros são a legislação ambiental e o conforto animal, com nível adequado de automação e climatização e padronização de instalações e equipamentos; a quebra de tabus e a descoberta de formas de incentivo ao consumo; a qualificação da mão-de-obra como instrumento importantíssimo na obtenção de altos índices de produtividade.

Credibilidade junto a instituições financeiras dispostas a investir, porém com baixo risco, é fator indispensável. Na criação de um mercado com fundamentos de economia livre, é preciso consolidar mercados de exportação e compatibilizar os custos globalizados.

Gerenciamento dos riscos e redução das margens; eliminação do uso de antibióticos sem redução de *performance* e manter o país livre de doenças exóticas – PRRS, Circuvirus etc. são ações fundamentais.

Mario Faccin é médico veterinário, consultor, produtor de suínos da Master Agropecuária Ltda. de Videira, SC.